
Epistemologia é *nóiz* por *nóiz*: práticas feministas contracoloniais na Educação

Epistemology is *us* by *us*: counter-colonial feminist practices in education

La epistemología es *nosotras* por *nosotras*: prácticas feministas contracoloniales en Educación

Rocha, Késia dos Anjos¹ (Aracaju, SE, Brasil)ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1707-6007>Oliveira, Érika Cecília Soares² (Niterói, RJ, Brasil)ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4877-0971>Bleinroth, Maria Laura Medeiros³ (Assis, SP, Brasil)ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1143-9196>**Resumo**

Este ensaio parte da ideia de que devemos produzir exercícios de contracolonização a fim de que possamos habitar mais confortavelmente nossas práticas de produção de conhecimento dentro da universidade. Partindo da compreensão de que é necessário que o conhecimento se alimente da vida, trabalharemos aqui com o pensamento de Nego Bispo que afirma a importância da produção de saberes que sejam orgânicos em contraponto aos saberes sintéticos, aqueles que são trazidos do exterior, sem que sejam experienciados por quem deles deveria se servir. Nossa proposta é ampliar as gramáticas que definem o que são as epistemologias, descascando a pele deste conceito a fim de contemplar sua porosidade e sua abertura para projetos epistêmicos feministas. Neles, o resgate da memória e de nossas ancestralidades figuram como possibilidades de reencantar nossas pesquisas e denunciar o modo como programas normativos de ciência masculinista e colonial tentam apagar os rastros que deixamos pelo mundo. Finalizamos trazendo as inscrições de uma pesquisa com mulheres-anciãs-bordadeiras, contemplando os bordados que suas palavras desenharam em nossos corpos. Assumindo que o conhecimento é autoconhecimento, caminho inacabado e labuta coletiva, concluímos o texto sentadas nos banquinhos sem encosto das memórias miudinhas plantadas em algum lugar dentro de nós por mulheres-mestras das ensinanças forjadas nas bordas.

Palavras-chave: Feminismos subalternos; Descolonização; Epistemologias.

Abstract

This essay starts from the idea that we should produce exercises of counter-colonization so that we can inhabit more comfortably our practices of knowledge production inside the university. Starting from the understanding that it is necessary that knowledge feed from life, we will work here with the thought of Nego Bispo, who asserts the importance of the production of knowledges that can be organic as opposed to the synthetic ones, brought from outside, not experienced by whom should make use of them. Our proposal is to enlarge the grammars that define what the epistemologies are, peeling the skin of this concept in order to contemplate its porosity and its opening to feminist epistemic projects. In them, the rescue of memory and of our ancestries figures as possibilities of re-enchanting our surveys and denouncing the way normative programs of masculinist and colonial science try to erase the tracks we leave in the world. We finish bringing the inscriptions of a survey with elderly female embroiderers, contemplating the embroideries that their words drew in our bodies. Assuming that knowledge is self-knowledge, unfinished path and collective toil, we conclude the text sitting on the backless stools of tiny memories planted somewhere inside us by women masters of teachings wrought on the edges.

Keywords: Subaltern feminisms, Decolonization; Epistemologies.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Sergipe - UFS. E-mail: kesiaanjos@gmail.com

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFAL. E-mail: erikaoliveira@id.uff.br

³ Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-Assis/SP). E-mail: laurableinroth@gmail.com

Resumen

Este ensayo parte de la idea de que debemos producir ejercicios de contracolonización para habitar más cómodamente nuestras prácticas de producción de conocimiento dentro de la universidad. Partiendo de la comprensión de que es necesario que el conocimiento se alimente de la vida, trabajaremos aquí con el pensamiento de Nego Bispo, que afirma la importancia de la producción de conocimientos que sean orgánicos en contraposición a los conocimientos sintéticos, aquellos que son traídos desde fuera, sin ser experimentados por quienes deben utilizarlos. Nuestra propuesta es ampliar las gramáticas que definen lo que son las epistemologías, pelando la piel de este concepto para contemplar su porosidad y su apertura a los proyectos epistémicos feministas. En ellas, el rescate de la memoria y de nuestras ancestralidades aparecen como posibilidades para reencantar nuestras investigaciones y denunciar la forma en que los programas normativos de la ciencia masculinista y colonial intentan borrar las huellas que dejamos en el mundo. Concluimos trayendo las inscripciones de una investigación con mujeres ancianas bordadoras, contemplando los bordados que sus palabras han dibujado en nuestros cuerpos. Asumiendo que el conocimiento es autoconocimiento, camino inacabado y trabajo colectivo, concluimos el texto sentadas en los taburetes sin respaldo de las pequeñas memorias sembradas en algún lugar de nosotras por las mujeres-maestras de las enseñanzas forjadas en los bordes.

Palabras Clave: Feminismos subalternos; Descolonización; Epistemologías

Exercícios de insubordinação

Na condição de pesquisadoras dos feminismos subalternos e contracoloniais, nosso sul tem sido embeber – e também embebedar - nossos corpos em exercícios cotidianos de desobediência e de desaprendizagem no que diz respeito ao modo como encaramos o fazer ciência e pesquisa. Temos nos debruçado sobre essas políticas e nada tem escapado ao nosso escrutínio. Munidas de uma extensa biblioteca de pensadoras subalternas, tem sido nossa tarefa colocar sob suspeita tudo o que tem cara de cânone e, portanto, de arranjo colonial: as metodologias, o modo como escrevemos, aquilo que consideramos problema de pesquisa, as epistemologias e as gavetas coloniais e masculinistas que tão bem formatam e emparedam nossa academia. Palavras como barricada, trincheira, guerrilha têm sido utilizadas em nossos itinerários na universidade não porque temos gosto pela guerra, mas porque assumimos que quando falamos em produção de conhecimento, falamos de um campo de disputas e de projetos de poder, um diagrama de forças bem visível, o que nos leva a não pisar neste lugar de mãos vazias. A descolonização de nossas práticas é uma labuta intensa e, como tudo o que exige trabalho e derrama suor, nunca estamos sozinhas nessa empreitada. Além da comunhão e do coletivo como estratégia de permanência e reinvenção deste espaço, acreditamos que a poesia serve na desmontagem e descolonização das nossas sensibilidades para a compreensão da realidade social. Aquilo que foi extirpado pela academia, nossa alteridade, retorna através de nossas escritas e se fazem vívidas quando trazemos nossa memória e ancestralidade. Sorvemos as palavras de Manoel de Barros em *As lições de R.Q.*, remodelamos o poema e transformamos em quatro aprendizagens que

amparam nossa travessia: 1) não usar o traço acostumado; 2) é preciso desformar o mundo; 3) tirar da natureza as naturalidades; 4) a força de uma pesquisadora vem de suas derrotas.

Como nos ensinam Simas e Rufino (2020), precisamos de outros modos de existir e praticar o saber, precisamos inscrever o dia a dia como um ritual de leitura e de escrita em sistemas poéticos diversos. O esquecimento foi e ainda é uma política de dominação colonial provocador do desarranjo de nossas memórias e do dismantelo cognitivo dentro da educação (RUFINO, 2021), por isso mesmo, como pesquisadoras feministas, a nossa memória é o traço desacostumado que nos serve não para medir e classificar, mas para contornar, dar feição ao nosso jeito de habitar o conhecimento. Ancoradas em nossas memórias, nós construímos falatórios poéticos, tal como ensina a poeta Stela do Patrocínio (2001) e chamamos esses falatórios de ciência. Falatórios que causam confusão, que abrem trilhas pelos quais nossos pés-pesquisadores traçam um modo de ser descolonizado, tirando da natureza as naturalidades trazidas pela ciência moderna-colonial. Com isso, queremos alargar as gramáticas e o mundo (RUFINO, 2021). Por isso mesmo, este autor falará do corpo como um inventário de memórias. É disto que se trata este texto, de um inventário de memórias produzido por pesquisadoras comprometidas com a desformação do mundo tal como ele nos foi apresentado (MOMBAÇA, 2021). Ao falar do poder das ficções, Jota Mombaça (2021) chama a atenção para o fato de que tudo o que está construído precisou ser imaginado. Ela nos lembra que não podemos construir o que não podemos imaginar. Para desformar precisamos ter a liberdade de imaginar e para isso não pediremos a autorização de ninguém. Ter liberdade de juntar nosso falatório, nossas memórias, nossas palavras. Abrir nosso relicário. Seremos plurivocais. Proletárias de uma nova linguagem (FLORES, 2010), uma linguagem que pode ser barrada pelas polícias das trincheiras, de algumas revistas, congressos, reuniões departamentais, bancas. Trata-se, como diz Gloria Anzaldúa (2021), de podermos ser capazes de filosofar e de termos o nosso bolo e comê-lo também. Aqui, convidamos nossas/os leitoras/es a comer deste bolo conosco.

As aprendizagens que carregamos conosco a partir de agora irão se materializar na tentativa de respondermos o que compreendemos por epistemologia, essa palavra que vem nos acompanhando há anos e, por algum tempo, de modo incompreendido. Tentando enxergá-la como um saber orgânico, fizemos o exercício

de despi-la em suas múltiplas camadas, não para dela retirar uma essência última, mas para daí encontrarmos algum entendimento que sirva à nossa luta. O tópico “Bordadeiras de sabedoria” é uma escrita em primeira pessoa que se torna plurivocal ao trazer as vozes misturadas da pesquisadora com as anciãs-bordadeiras, sujeitas de sua pesquisa, na qual o trabalho de memória e a busca pela ancestralidade da pesquisadora resultou em bordados colados ao seu corpo. Embaralhamento das vozes-anciãs vindas de longe, corpos-sábios produzindo saberes por meio das bordas.

“Tudo que *nóiz* tem é *nóiz*”

Tudo, tudo, tudo, tudo
Que nóiz tem é nóiz
Tudo, tudo, tudo
Que nóiz tem é
Tudo, tudo, tudo
Que nóiz tem é nóiz
Tudo, tudo, tudo
Que nóiz tem é
Tudo, tudo, tudo, tudo
(...)
Principia, Emicida

Quando será que a palavra epistemologia apareceu em nossas vidas pela primeira vez? Esta pergunta surgiu enquanto esboçávamos a escrita do presente ensaio. Ao fazermos o exercício de questionamento das nossas memórias para responder à questão, fomos levadas a conectar temporalmente esse momento às épocas de nossas graduações, de nossas entradas na universidade. Considerando nossas diferenças de idades/gerações, isso ocorreu com intervalos de ao menos dez anos, a cada dez anos cada uma de nós ouvia falar dela pela primeira vez. A cada intervalo de dez anos, cada uma de nós buscava entender e assimilar seu significado para àquilo que estávamos fazendo e aprendendo. É provável que ela tenha feito parte daquele grupo de conceitos que, às vezes, repetíamos sem que de fato soubéssemos seu significado, sua conexão com nossas práticas de jovens estudantes. Se vagarmos mais longe em nossas memórias, é possível que a palavra, em algum momento de nossos estudos, tenha se materializado diante de nós como um muro que separa duas coisas ao nosso ver inseparáveis: *vida e conhecimento*.

Demos linhas a curiosidade nessa prosa inicial buscando saber quando será que cada uma de nós começou a entender o que é epistemologia. E quando

falamos de entender, nos referimos àquele entender que faz você conseguir falar quando alguém te pergunta no bar (sabemos que não é algo muito elegante, mas às vezes te perguntam essas coisas no bar). É desse tipo de compreensão que falamos. É difícil definir quando isso se deu para cada uma de nós, mas um desses momentos, sem dúvida, foi a partir do encontro que tivemos com teóricas e feministas negras como Patrícia Hill Collins (2019). Ela nos diz o seguinte:

A epistemologia constitui uma teoria abrangente do conhecimento. Ela investiga os padrões usados para avaliar o conhecimento ou o motivo pelo qual acreditamos que aquilo em que acreditamos é verdade. Longe de ser um estudo apolítico da verdade, a epistemologia indica como as relações de poder determinam em que se acredita e porquê. (COLLINS, 2019, p. 402).

A partir daí começamos a pensar: são versões de verdades que a gente vai tendo acesso e vai se conectando ou então, que vão nos enredando. Há que se ter alguma sabedoria para não ficarmos enredadas. Collins fala que “Conhecimento sem sabedoria é suficiente para os poderosos, mas sabedoria é essencial para a sobrevivência dos subordinados” (COLLINS, 2019, p. 411). E não é tão simples compreender o que a autora sugere, por isso não o fazemos solitariamente. A pensadora Grada Kilomba, em sua obra *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), elabora uma discussão sobre descolonização do conhecimento que pode ser interessante para esse nosso início de conversa. Depois desse primeiro contato, há vários anos, com a palavra/conceito epistemologia, tivemos um longo percurso de desaprendizagem até chegarmos aqui. As teorias advindas do campo dos estudos feministas foram as primeiras a tocar nossos poros e nos fazer questionar elementos centrais que estruturavam e ainda estruturam a ideia tradicional de epistemologia. A concepção de conhecimento como algo sem chão - neutro, que cabe a todas as pessoas - universal e como algo imparcial e racional, começou a se desfazer quando nos demos conta que o conhecimento produzido sobre nós era insuficiente para dizer da complexidade do que somos. E mais, as teorizações produzidas (por homens) sobre nós, sem nós, atuavam no sentido de apagar nossas experiências, emoções, nossas vidas, atuavam no sentido de “(...) irracionalizar o pensamento de mulheres, como se as interpretações feministas não fossem nada mais do que a fabricação da realidade, de ilusão, talvez até uma alucinação feminina” (KILOMBA, 2019, p. 55). Grada Kilomba nos diz o seguinte:

Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem? (KILOMBA, 2019, p. 13).

Essas perguntas são frestas poderosas nesse percurso de reconfiguração da noção de conhecimento. Uma batalha de narrativas, na qual estão a postos não apenas conceitos, mas palavras vivas.

Saberes vivos

Quando nós falamos tagarelado e escrevemos mal ortografado, quando nós cantamos desafinando e dançamos descompassados, quando nós pintamos borrando e desenhamos enviesados. Não é porque estamos errando, é porque não fomos colonizados.

Nego Bispo

Se pudéssemos criar uma cena na qual imaginássemos alguns bancos de toco de árvore num terreiro varrido sob a sombra de uma mangueira e lá avistássemos entre palavras e risos Patrícia Hill Collins, Conceição Evaristo e Antônio Bispo numa prosa, teríamos algumas inspirações para pensarmos uma prática feminista contracolonial. Collins (2019) ressalta a importância da sabedoria coletiva, dos saberes coletivos como pilares do pensamento feminista negro; quando apresenta algumas das comunidades interpretativas que foram significativas para que ela pudesse produzir teoricamente, observamos que outros elementos são ativados: memória, experiências de vida, as músicas que ouvia, as receitas de comidas que aprendia e comia, as feitura do dia a dia em comunidade. Da vida se fazia teoria. Saberes orgânicos, e não sintéticos, como pontua Antônio Bispo (DORNELES, 2021). Da mesma maneira, Conceição Evaristo vasculha os “becos” de suas memórias e a partir dos encontros que ali se dão, vai compondo sua obra, sua poética; nas palavras de Evaristo (2017, p. 11) “(...) no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus”. Dos encontros que fluem entre memórias ora vivas, ora esfaceladas, ora mudas, a escritora se inscreve na vida, seja por meio do vivido ou do invento. Saberes vivos.

É nesse fio de ideia que o rap de Emicida, que trouxemos na abertura do presente tópico, nos fez pensar em epistemologia. O rap ajuda a gente a imaginar e sentir como esse conceito é muito mais poroso, mais diverso. Nas batidas desse som que nos pede “*Cale o cansaço/ Refaça o laço/ Ofereça um abraço quente/ A música é só uma semente/ Um sorriso ainda é a única língua que todos entendem*” (EMICIDA,

2020) Emicida nos convida pro corre. No documentário *AmarElo* (EMICIDA, 2020), ouvindo as falas do cantor, acompanhando o modo como ele fala das parcerias, o modo que ele ocupa a cidade, assistindo as cenas que mostram o Teatro Municipal de São Paulo com muita gente preta gritando juntas que “tudo que *nóiz* tem é *nóiz*” ficamos matutando que tem tudo a ver com a gente e com as pesquisas que fazemos. Para falarmos de gênero, sexualidades, raça e sonharmos outras possibilidades de fazermos educação, ou a gente faz juntas ou não faz. Nessa versão do rap *Principia*, Emicida convida Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário e o pastor Henrique Vieira. Pois é, pessoas de lugares sociais distintos num deslocamento, juntando ramo de arruda com oração e fazendo os ebós com as poesias das quebradas – uma aliança bastante contracolonial. Talvez um cruzo de epistemologias. Uma aposta no conhecimento como caminho inacabado. Patrícia Hill Collins (2019, p. 431) diz que “(...) a parcialidade – não a universalidade – é a condição necessária para se fazer ouvir; indivíduos que fazem reivindicações de conhecimento sem reconhecer sua posição são considerados menos confiáveis”. De cada parcialidade a gente se desloca rumo ao *nóiz* sugerido por Emicida.

Práticas feministas contracoloniais. Falamos sobre transformarmos as configurações do conhecimento (KILOMBA, 2019) considerando a importância das sabedorias que vêm das vivências com gosto, textura e cor, das coisas que se aprende com as mãos, com os pés. Para o pensador e mestre quilombola Antônio Bispo, mais conhecido como Nego Bispo, precisamos nos defender constantemente do colonialismo e de seus desdobramentos, o que nos leva a um exercício de contracolônização, um ato permanente de legítima defesa. Em uma de suas entrevistas, Nego Bispo compartilha conosco um pouco de suas reflexões e modos de pensar o conhecimento, nas palavras dele: “(...) os colonialistas gostam de colocar nome em tudo, inclusive nos saberes. Eles chamam os saberes deles de ‘ciência’, chamam os operadores dos saberes deles de ‘cientistas’, e chamam nossos saberes de ‘saber popular’ e ‘saber empírico’” (DORNELES, 2021, p. 16). “Eles são universais e nós somos diversos” (DORNELES, 2021, p. 18).

Nego Bispo diz que “nos quilombos não se educa, se inspira” (DORNELES, 2021, p. 23). Acreditamos nesse caminho. Falamos, portanto, sobre práticas de educação que, mais do que educar, possam inspirar. E a inspiração só flui porque brotam de saberes orgânicos, saberes que vêm de longe, que têm trajetória. Nas

palavras de Bispo “(...) o saber orgânico é esse saber que mistura quem não está junto e que ajunta sem misturar” (DORNELES, 2021, p. 18), não tem a ver com ter e sim com ser. Ainda em diálogo com o pensador, conseguimos sentir que o entendimento que tínhamos sobre epistemologia carecia de vida, de trajetória, estava muito mais próximo daquilo que ele chama de saberes sintéticos, que “são saberes extraídos da vida, extraídos do ser para benefício do ter” (DORNELES, 2021, p. 18). Por isso, nesse campo de batalha, nos posicionamos enquanto *(des)aprendizes*. Precisamos que essas palavras faladas e escritas coletivamente, germinem, brotem, inscrevam trajetórias e que essas trajetórias nos permitam viver em *confluência*. Confluir é o modo de ser/estar anunciado por Bispo como estratégia de contracolônização. Para confluir precisamos acionar as sabedorias coletivas, precisamos dançar, costurar, cozinhar, lançar a rede ao rio, bordar os sonhos. Confluir é, sobretudo, fortalecimento, complementação e compartilhamento. É encontro (DORNELES, 2021).

Bordadeiras de sabedorias: mãos e oralidades que bordam conhecimentos

Menina ainda, eu testemunhava toda a sabedoria que mamãe guardava no corpo. [...] Na cidade onde morávamos, as pessoas, principalmente os adultos letrados custaram a perceber ou aceitar o corpo sábio de Sabela (EVARISTO, 2016, p. 60).

Num tempo recente, me vi descendo a minúscula e íngreme ladeira que une a casa de minha avó com a da minha tia-avó Edna, lá no chão de terra que sempre habitou minhas férias. Meus pés não tinham calma, eu me encontrava correndo desenfreada como fazia quando ainda era pequena no tamanho. Ao ouvir alguém interpelar meu nome, me senti inconscientemente paralisada e repreendida, como se a minha idade não correspondesse à forma pela qual eu me encontrava em movimento. No entanto, em outrora, correr assim parecia que eu alcançaria o mundo em segundos. Mesmo que a breve corrida me levasse apenas até a portinha verde da casa de minha tia, eu sabia que as horas dos meus dias estavam à salvo e que eu estaria aquecida assim que entrasse por ela. Ao abrir o seu ferrolho enferrujado e descer os degraus da entrada em apenas um salto, eu ia de imediato ao encontro do banco sem encosto da sua mesa de jantar, e juntava-me em frente à sua presença. Esse era meu percurso certo durante os três turnos que completavam o dia. E em todas as vezes que eu a encontrava era abençoada plenamente com a sua sabedoria.

Minha alma sedenta de suas memórias abundantes demonstrava que esse era o mundo pelo qual eu sempre ansiava alcançar.

Em cada vez que me sentei em seu banquinho sem encosto, com meu olhar firme e reluzente ao observar seu rosto, sentindo sua risada se ramificar em cada fragmento do meu corpo e ouvindo suas contações numerosas, uma mudinha de memória era plantada em mim. A minha tia foi jardineira de memórias, daquelas com mãos primorosas que fazem florescer nas condições mais adversas. Apesar de não ter feito o ensino formal completo, foi professora do *grupinho* existente no sítio em que residiu a vida inteira. Desde miúda, na memória mais antiga que eu consigo acessar, eu sempre a escutei falar com devoção sobre educação e o seu amor pela docência e, ao escutá-la, eu sentia a amorosidade exalar de seu corpo (inteiro). Contudo, devido a um derrame que lhe ocorreu aos 37 anos, precisou se despedir da sala de aula – formal. Mas seus ensinamentos não cessaram, pelo contrário, se tornaram mais potentes à medida que ela encontrava novos meios de transmissão para os seus saberes, como tão bem eu pude acompanhar como sua lecionanda enquanto envelhecíamos - em nossos tempos - juntas.

As entrelinhas da educação nunca lhe escaparam, já que sempre a contemplou e cultivou em sua amplitude de formas e lugares e, acima de tudo, em uma perspectiva ombro a ombro. Quando ela me contava histórias para demonstrar o quanto amava ensinar, as primeiras coisas narradas atravessavam pelas manualidades, como o crochê e as suas receitas conhecidas para além dos limites do seu sítio, que eram transmitidos a quem se sentasse no mesmo banquinho que por tantas vezes eu me encontrei esparramada. Confesso que do fazer com a linha eu não me aproximei o suficiente para aprender, mas, por outro lado, enquanto ela tecia com a lã eu me encontrava afinsa e dedicada a ser nutrida por suas memórias e tudo o que provinha do interior delas. Conforme eram compartilhadas, as mãos de minha tia iam ganhando ritmo no desfazer do novelo e, ao mesmo tempo, ia construindo um novo dentro de mim. Desnovelar com as mãos, novelar com memórias. Práticas que coexistiam. Ao seu modo, ela me inundou de conhecimentos e saberes através da oralidade, e, também, muito antes de eu conseguir fazer a leitura das palavras. Assim, posso dizer que cresci “escutando bibliotecas” (SIMAS, 2019, p. 131), e, por isso, afirmo que meus primeiros passos junto à educação começaram pelos ensinamentos e aprendizagens que se entremeiam por vias ágrafas.

O meu aprender, mesmo que não visto a priori, sempre aconteceu no “aqui e agora”, pois como relembra Moacir Gadotti (2009, p. 22) “[...] a educação se dá em tempo integral. [...]”. Uma constância que vai se entrelaçando e se costurando através da compreensão de que a educação ressoa de modos plurais e, portanto, não há como reduzi-la a um espaço físico (PADILHA, 2009). Destarte, as longas horas que me encontrei naquele velho banquinho da minha tia, recebendo as suas preciosas transmissões de sabedorias, me fazem perceber que a minha prática de escuta começou a ser desenvolvida no espaço de sua casa. Apenas hoje, como psicóloga e pesquisadora, compreendo que nenhuma teoria me traria essa vivência e os modos pelos quais, desde então, eu aprendi a escutar, sentir e vislumbrar as minúcias do mundo. Não desconsidero, de modo algum, os escritos e teóricas/os que me acompanharam durante todo o meu processo formativo escolar e acadêmico. Porém, conjuntamente, me sinto inspirada pelas palavras de Arias (2010) ao fazer refletir que a sabedoria nos possibilita trazer alternativas de sentir, de significar, de fazer, de aprender e de ensinar desde as nossas vivências e territorialidades. Os conhecimentos que estão próximos de onde as realidades são tecidas e dos lugares de resistências que foram desconsiderados como frutíferos de saberes nos oferecem possibilidades de enxergar uma pluriversalidade de sujeitos em detrimento das lentes coloniais que, ao contrário, embaçam a visibilidade de outras perspectivas de existências (ARIAS, 2010).

Desse modo, tenho me sustentado em construir uma aliança contracolonial e insurgente desde minhas primeiras fontes de conhecimentos. Por esse entrelaçamento, sobretudo por perceber meu processo formativo através dos ensinamentos de tia Dinha – e até mesmo por refletir sobre os seus percursos nas educações (OLIVEIRA; BLEINROTH; SILVA, 2021) – tenho buscado por conhecimentos que são compartilhados por outras grafias, esferas e modos narrativos, tais com os ressoados a partir das memórias, que engloba e tem como possibilidade diversas vias de transmissões e inscrições, como demonstra Leda Martins (2003). De modo particular, desde o mestrado, me encontro na busca por pensar e encontrar outras vias de aprendizado, ensinamentos e educações que operam nas sutilezas e que se transbordam nas nossas relações e compartilhamentos cotidianos, considerando, assim, que as experiências e vivências ocupam uma parcela significativa dos processos educativos e formativos (ARROYO, 1999).

O compromisso aqui estabelecido se estende, portanto, a apresentar novas contações e aproximações de educações aquém dos espaços formais. Desse modo, conforme já aludido, a compreensão que se sustenta é a de que há outros espaços, outras pedagogias e outros saberes que são germinados em diferentes modos de vidas e itinerários de existências (ARROYO, 2014). Nesse entremeio, a noção de “pedagogias clandestinas”, trazida por Danilo Streck (2006), articula os fios para uma reflexão sobre “estratégias pedagógicas” advindas de sujeitas/os que criam artimanhas subversivas para se estabelecerem e compartilharem seus conhecimentos através de “estratégias de sobrevivência”, produzindo “seus próprios saberes e sua estética” (STRECK, 2006, p. 280) desde seus territórios e vivências. Isto é, desde seus lugares epistêmicos. São pedagogias que se encontram “fora do âmbito do legal ou da formalidade oficial” e, por isso, não estão presentes – e, principalmente, são ocultas – dos espaços legitimados de conhecimentos (STRECK, 2006, p. 279). Não se trata de processos abstratos, “mas de pedagogias, de saberes, de aprendizados de reações e resistências concretas” que foram e são “coladas e aprendidas em práticas, lutas, ações coletivas, no resistir [...]” e que nos apresentam outras interpretações e formas de pensar que diferem das estratégias legitimadas de ensino (ARROYO, 2014, p. 14). Nessas outras pedagogias, é possível encontrar “diferentes tempos, linguagens, significações” (COSTA; CARVALHO, 2020, p. 38).

Seguindo por essa linha, na pesquisa do meu mestrado, comecei a tecer diálogos com quatro mulheres idosas que se encontram inseridas no coletivo de bordado “Bordazul”, situado no litoral da capital alagoana, a respeito de suas memórias e práticas de subjetivação atreladas aos seus processos formativos e educativos. São mulheres que hoje encontram-se nesse espaço em comum, que se apresenta como uma “comunidade de aprendizagem” constituída por uma “atmosfera de confiança e compromisso” (hooks, 2020, p. 51), mas que tiveram vários outros percursos anteriores. Diferente de buscar apenas por espaços hegemônicos de educação, que inviabilizaram as suas inserções em diferentes momentos de suas vidas, elas tanto criaram quanto se fortaleceram através de outras perspectivas situadas em seus territórios. As suas narrativas ecoam processos de ensino-aprendizagens outros a partir da concepção de educação tecida nas sutilezas do cotidiano, que se entrelaçam com as suas histórias de vida, com a cultura, com as

suas geografias, suas marcas geracionais e outras múltiplas vertentes (ARROYO, 2014).

Desse modo, por entender a amplitude de seus itinerários, espaços e pedagogias e, por conseguinte, a extensão de aprendizagens e ensinamentos em suas vidas, aqui abre-se apenas uma brecha para apresentar os bordados que foram feitos em meu corpo - com várias cores, linhas, texturas e afetos – pelas oralidades das minhas companheiras de pesquisa. Através do compartilhamento de suas memórias, elas me apresentaram as suas sabedorias como estratégias insurgentes e de sobrevivência frente ao universo monoepistêmico da modernidade. São sabedorias situadas nas fronteiras, que “articula a memória, as raízes da ancestralidade com o presente” (ARIAS, 2010, p. 56). Dentre as suas sabedorias, elas demonstram com repetição que o *aprender* se tornou um dos processos desejantes e corriqueiros de suas vidas, “se colocando permanentemente disponíveis [...]. Sustentam a curiosidade, a intuição e a sensibilidade como motores da produção de novos saberes” (COSTA; CARVALHO, 2020, p. 52). Assim, permeadas por saberes “transmitidos, reproduzidos e recriados nas relações interpessoais diretas” (COSTA; CARVALHO, 2020, p. 54), transparecem uma educação que acontece de modo contínuo nas relações de suas vidas e nos espaços que ocupam (BARROS; PEQUENO; PEDERIVA, 2018).

Em suas narrativas, elas apresentam as potências das suas oralidades, marcadas pelas singularidades de como cada uma se apresenta, e das suas mãos como vias de construção e transmissão de sabedorias e conhecimentos. Não só pelas quais aprendem, mas que também ensinam. São políticas de narratividade – as que realçaram em nossas conversas - por onde exalam e pulsam suas pedagogias, seus saberes insurgentes, suas expressões de existências, bem como simboliza o caminho pelo qual “aprenderam a resistir à opressão, à segregação e negação dos seus direitos” (ARROYO, 2014, p. 09). Costa e Carvalho (2020, p. 42), ao narrarem sobre os processos de transmissão das “mestras e mestres dos saberes tradicionais”, inspiram a pensar que são expressões que se caracterizam “menos como método, mais como aura da arte da transmissão”. Nas memórias de aprendizagens e pedagogias que abarcam as manualidades das interlocutoras, nota-se que há um entrelaçamento entre o “observar” e “fazer junto” (COSTA; CARVALHO, 2020, p. 46),

como quando relataram através das distintas aproximações e conhecimentos legados por suas anciãs e por sujeitas/os que atravessaram seus cotidianos.

Ao contrário das metodologias dos modelos formais de educação que tentam afastar nossos corpos das salas de aula (hooks, 2020), as interlocutoras apresentam que a presença corporal é imprescindível em seus processos de ensino-aprendizagens, visto que há um corpo que aprende ao ver a/o outra/o fazer, por meio de diferentes práticas, movimentos, ritmos. Nessa perspectiva, Nelly Dollis (2018, p.23) aguça a compreensão do que é produzido e “transformado pelas [...] mãos”, em que o “fazer é saber”. As mãos, portanto, produzem conhecimentos num “saber-fazer” (DOLLIS, 2018, p. 22). Por esse olhar, as mulheres da pesquisa demonstram a fluência que transcorrem por suas mãos, transformando suas manualidades (seus conhecimentos manuais) em escreveduras e “ensinaças” (HADDACK-LOBO, 2020, p. 38), como acontece por meio de seus bordados. Nesse ínterim, Mariana Guimarães (2017, p. 2513) aponta que o bordado opera como uma linguagem, em que “bordar é desenhar com a linha, marcar o suporte, e desenhar não é apenas representação gráfica; é organização de pensamentos, de ideias, é origem da escrita”.

Por sua vez, as suas oralidades impulsionam suas memórias e histórias a alcançarem outros corpos, expressando e carregando as sabedorias que foram nutridas ao longo de suas vidas. São mulheres que possuem saberes que habitam seus corpos, que vem dos sentidos, das memórias, das mãos, das oralidades, das práticas cotidianas, dos encontros com outras sujeitas, das experiências vividas e compartilhadas. São bordadeiras de sabedorias, utilizando-se não apenas de suas mãos, mas também de suas oralidades para fazerem bordados em outros corpos. São múltiplas as possibilidades que emergem de cada uma dessas sujeitas em suas pedagogias e educações.

Na escrita da dissertação, tecei contações a partir das ressonâncias que surgiram por meio dos compartilhamentos de memórias, histórias, resistências e caminhos formativos/educativos das mulheres bordadeiras, ou melhor, pelos bordados que foram feitos em meu corpo. Aqui, pela brevidade que apresenta, trago um trecho da escrita-oralizada produzida com *Guardiã* e, em seguida, uma imagem de um dos bordados feitos por ela⁴. Bordado este que grafa com a linha uma história

⁴ O bordado, representando pela imagem, corresponde a frente de um cartão-postal feito pela interlocutora Guardiã e foi exposto na Mostra Bordados Poéticos de Paraty, em 2018, em conjunto com os cartões-postais de outras tecelãs do Coletivo Bordazul.

contada pelas mãos e pelas sensibilidades dos olhos. A autora narra em seu bordado o encontro de pescadores costurando uma rede e cercados por outros companheiros da pesca. São sujeitos que pertencem ao mesmo território que a bordadeira. Ela produz a partir da contemplação do seu lugar, desde onde seus pés encontram-se enraizados. Não é à toa que o nome dado a interlocutora irrompeu como Guardiã, pois, além disso, ela é Mestra da oralidade e protege as histórias do bairro em que habita, como sinto ao trazer em nossa contação:

[...] Guardiã nunca teve aproximação com as palavras escritas, mas da oralidade é mestra que enlaça e encanta pelas palavras que saem de dentro de si, parecem sair em tinta permanente já que escreve as histórias em outros corpos que se tornam marcados pela sua sabedoria de vida. Ela é a fluência do nordeste que constrói sempre a mais bela poesia incrementada com o vocábulo já quase desconhecido por quem não reconhece a beleza e a representação que habita em cada palavra que sai cantada. Hoje em dia querem deixar tudo sofisticado e apertado dentro de letras escritas que esquecem da poética das palavras faladas. Uma roupagem que não representa em nada a vida de muita gente. Mas a mestra sabe produzir outras vestimentas. Ela pensa consigo que não sabe falar direito, mas na verdade são as pessoas que não sabem ouvir. Há um mal entendido por aí.. ou um bem-entendido de não se querer ouvir? Ela tem muito a dizer. E palavras faladas estilhaçam a realidade velada [...] (BLEINROTH, 2021).

Figura 1 - Bordado feito por Mestra Guardiã



Fonte: acervo Bordazul

Juntas, desde nosso lugar epistêmico, seguimos pela construção de conhecimentos e cosmovisões florescidos no barro (como os de minha tia), no

bordado (como o das mulheres interlocutoras da pesquisa) e em tantas outras vias que entremeiam nossos modos de ser, de viver, de aprender e de ensinar, considerando as vicissitudes das educações que nos permeiam. Particularmente, as mulheres anciãs que teceram a pesquisa junto a mim me ensinaram a alinhar as manualidades, as oralidades, as sabedorias e as educações pelos seus saberes vivos. Agora, não me assusto mais pelos movimentos apressados dos meus pés, não quando tenho mundos de aprendizagens pelos quais eu anseio alcançar.

No banquinho sem encosto

Nesses breves momentos em que aqui estivemos na partilha do presente texto, argumentando em favor de práticas feministas contracoloniais na educação, falamos sobre memórias, experiências, oralidades, vidas, conhecimentos. Fizemos um falatório. Inspiradas em Nego Bispo, tentamos dançar juntas numa confluência (SANTOS, 2015), inscrevendo um movimento circular de início, meio e início, como sugere Bispo. Inspiradas em seu pensamento, nos apresentamos assumindo uma postura que é poli e não mono, que é plural e não singular, que é circular e não linear (SANTOS, 2015) frente ao mundo. Estivemos aqui envolvidas. Confluir também é se envolver. Dissemos, na chegada desse nosso encontro, que a força de uma pesquisadora também vem de suas derrotas, e sim, nesse caso, nossas derrotas nos permitem varrer o terreiro, deitar fora os conceitos sem vida, as definições universais de ciência, educação, de mundo e seguir nossa jornada. Nos permitem nos reinventar. Na luta cotidiana travada contra o colonialismo cada derrota anuncia novos começos. Nosso fazer acadêmico vem da sabedoria de quem senta, escuta, sente e enxerga sob a sombra num banquinho sem encosto.

Referências

ARIAS, Patrício G. **Corazonar**: una antropologia comprometida con la vida. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2010.

ARROYO, Miguel. A educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. (Coleção Por uma educação do campo, n. 2).

ARROYO, Miguel. Que Outros sujeitos? Que Outras pedagogias? In: ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 23-61.

BARROS, Daniela; PEQUENO, Saulo; PEDERIVA, Patrícia L. M. Educação pela tradição oral de matriz Africana no Brasil: Ancestralidade, resistência e constituição humana. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26, n. 91, 2018.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record; 1996.

BLEINROTH, Maria Laura M. Bordadeiras de sabedorias: mulheres idosas e suas pedagogias clandestinas. 2022. 196 f. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

COLLINS, Patrícia Hill. Epistemologia feminista negra. In: COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 401-432.

COSTA, S. L.; CARVALHO, J. J. Processos de transmissão: o ensino universitário e o encontro com mestras e mestres dos saberes tradicionais. In: MONTEIRO, Ana Claudia Lima (Org.). **Processos psicológicos**: perspectivas situadas. Niterói: EDUFF, 2020. p. 26-55.

DOLLIS, Nelly. B. D. *Nokê mevi revósho shovima Awe*: 'O que é transformado pelas pontas das nossas mãos'. **Campos**, v. 19, n. 1, 2018. p. 23-36.

DORNELES, Dandara R. Palavras germinantes - entrevista com Nego Bispo. **Identidade**, São Leopoldo, v. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, jan./dez. 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1186/1010>. Acesso em: 07 abr. 2022.

EMICIDA: amarElo – É tudo pra ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. São Paulo, Brasil: Laboratório Fantasma, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Sabela. In EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016, p. 59-84.

FLORES, Valeria. **Deslenguada**: desbordes de una proletaria del lenguaje. Cidade: Ediciones Ají de Pollo, 2010.

GADOTTI, Moacir. Educação integral e tempo integral. In: **Educação Integral no Brasil**: inovações em processo. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GUIMARÃES, Mariana. O fio como paisagem na mediação casa, corpo e obra. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017, p. 2511-2524.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

HADDACK-LOBO, Rafael. Filosofia a golpes de navalha. In: SIMAS, Luiz A.; RUFINO, Luiz; HADDACK-LOBO, Rafael. **Arruaças**: uma filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 25-29.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, UFSM, v. 25, p. 63–81. 2003.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó, 2021.

OLIVEIRA, Érika C. S.; BLEINROTH, Maria Laura M.; SILVA, Yasmim M. Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em psicologia social. In: CRUZ, L. R.; HILLESHEIM, B.; EICHHERR, L. M. **Interrogações às políticas públicas**: sobre travessias e tessituras do pesquisar. Florianópolis: ABRAPSO Editora, 2021. p. 13-32.

PADILHA, Paulo Roberto. Prefácio. Educar em todos os cantos. In: GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil**: inovações em processo. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro, RJ: Mórula, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro, RJ: Mórula Editorial, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio. **Pedrinhas Miudinhas**. Ensaio Sobre Ruas, Aldeias e Terreiros. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Mórula Editorial, 2019.

STRECK, Danilo R. A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas? **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

Recebimento: 02/05/2021

Aprovação: 10/06/2021



Q.Code

Editores-Responsáveis

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França